

Está ocorrendo uma revolução política em Myanmar

Via [Europe Solidaire](#)

Os militares realizaram uma flagrante tomada de poder, destituindo o governo civil eleito. Esta é a história em Myanmar, de acordo com uma legião de jornalistas e analistas políticos ocidentais. Há uma irrealidade palpável nestas reportagens. Por mais dramático que tenha sido o golpe, é o rescaldo que é sísmico para o povo de Myanmar.

O que está acontecendo em todo o país é mais do que apenas “protestos maciços” – é uma revolução em curso. Isto tomou forma no espaço de menos de um mês, como se os fatores estivessem esperando. Os membros da geração Z, aqueles nascidos entre o final dos anos 90 e 2010, estão na vanguarda e isto só por si é animador para testemunhar. A resistência ao golpe também está eliminando as divisões de longa data de etnia, religião, domicílio e ocupação. De uma só vez surgiu a compreensão e a unidade de pensamento e de propósito; isto deve ser mantido a todo custo.

Há algumas preocupações sobre as diferenças de objetivos, mas eu diria que elas acrescentam ao guizado em vez de diminuir a sua importância. Vozes há muito reprimidas como as dos Rohingya e muçulmanos estão agora sendo vistas e ouvidas com destaque, e as mulheres estão participando com força.

No ano passado, eu estava por acaso em Hlaing-tharyar, a maior e mais pobre cidade de Yangon urbano, e a visão de uma favela que se estendia por quilômetros ao lado da rodovia era algo a se lembrar. A classe não tem aparecido na política de Myanmar há décadas. Mas graças à era digital e à mídia social, o movimento se estendeu a pequenas cidades e vilarejos. Tenho testemunhado manifestantes marchando com faixas proclamando

que eles são “redes de pobres urbanos” pelo menos duas vezes no mês passado.

Inadvertidamente e inesperadamente, Myanmar está tendo que abraçar tudo isso e muito mais. Eu posso ver estudantes universitários se tornarem mais politizados a cada dia que passa. No mês passado, sindicatos de estudantes de 18 instituições de ensino superior fizeram uma declaração conjunta condenando a China por bloquear uma resolução das Nações Unidas para condenar o golpe. E talvez o maior bloco nos protestos que ocorreram na semana passada tenha vindo de universidades tecnológicas de todo o país – não foi um feito logístico ruim reuni-los em Yangon. Os sindicatos em Myanmar há muito tempo têm sido fracos, mas o golpe militar ironicamente os reanimou.

Bênçãos e maldições

Os cataclismos trazem muita ansiedade em seu rastro, e uma sociedade em grande parte agrária como a de Myanmar responde, em parte, caindo sobre crenças e tradições embutidas. Monges budistas fizeram seu advento nas ruas de Mandalay, uma cidade do norte de Myanmar, mas eles não são os radicais e isto não é nada fora do comum.

A população rural marchou no antigo sítio histórico de Bagan, no centro de Myanmar, e foi muito fotogênica. Algumas mulheres de meia-idade até fizeram oferendas ao templo do século XI da cidade para colocar uma antiga maldição sobre os responsáveis pelo golpe. Nunca ouvi falar da maldição antes, mas ela é longa e terrível. (O budismo Theravada jamais toleraria este tipo de coisa, mas Bagan em seu apogeu também era um centro do tantrismo).

O que é certo é que as mudanças em Myanmar são radicais. O termo “transição política” precisa ser abandonado. Mesmo se Aung San Suu Kyi, a conselheira estatal deposta, voltasse ao poder amanhã, é questionável se ela seria capaz de administrar

o movimento.

O exército de Myanmar, que desencadeou tudo isso, está agora encarando uma convulsão profunda. Os roteiros, as constituições e as eleições não vão ajudar muito. Uma oportunidade se abriu para o povo de Myanmar, e eles estão aproveitando-a.